



Como citar: PAULINO, N. de O.; COURA, C. A. R. Conhecimento da população cadastrada em uma Estratégia da Saúde da Família sobre o serviço de atendimento móvel de urgência e os bombeiros. *Anais Eletrônicos de Iniciação Científica*, Itajubá, v. 5, n. 1, p. 1-4, 2021. Trabalho apresentado no XI Seminário de Iniciação Científica, 2021, Itajubá.

Conhecimento da população cadastrada em uma Estratégia Saúde da Família sobre o serviço de atendimento móvel de urgência e os bombeiros

Nicole de Oliveira Paulino

Acadêmica do Curso de Enfermagem. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil.
niksopaulino@gmail.com

Cátia Aparecida Ribeiro Coura

Acadêmica do Curso de Enfermagem. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil.
catiaarcoura@gmail.com

Cristiane Giffoni Braga

Orientadora. Professora Doutora. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil.
cristianegbraga@uol.com.br

Nos últimos anos, o Brasil vem sofrendo mudanças em suas variáveis socioeconômicas e demográficas e no processo saúde-doença, de maneira que eventos urgentes desencadeiam atendimento imediato no local das ocorrências (CRUZ *et al.*, 2017). Evidências na literatura apontam que desconhecimento da população sobre a função do SAMU e de Bombeiros. Neste cenário, por parte dos profissionais do SAMU, diante do desconhecimento da população em relação ao discernir Bombeiro e SAMU num chamado de urgência, os mesmos relatam dificuldades em relação a população ao discernir bombeiro e SAMU num chamado de urgência (ABREU, 2009; ALVES, 2015; CRUZ, 2017; FREITAS *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2014). Adotou-se de Santos (2018) definição conceitual de urgência e emergência como urgência é uma ocorrência imprevista de danos à saúde em que não ocorre risco de morte em que o indivíduo necessita de atendimento médico mediato. Por outro lado, emergência é quando há constatação médica de danos à saúde que implicam risco de morte, exigindo-se tratamento médico imediato. Já o Atendimento Pré-hospitalar (APH), refere-se a toda assistência prestada fora do ambiente hospitalar, de forma direta ou indireta, afim de oferecer uma resposta apropriada (SILVA; NOGUEIRA, 2012). Parafaseando Luchtemberg e Pires (2017) entende-se que o desconhecimento gera ineficiência, além de desmotivar a equipe, uma vez que o serviço poderia estar de fato, atendendo às pessoas que realmente precisam do mesmo. Fortalecidas por esses fatos, emergiu-se a seguinte questão de pesquisa: como está o conhecimento dos usuários cadastrados na ESF Santo Antônio quanto ao chamar BOMBEIRO ou SAMU no tocante a prestação de serviço, acionamento, custeio e abrangência?. Objetivo de avaliar o conhecimento da população cadastrada em uma Estratégia Saúde da Família do bairro Santo Antônio em Itajubá-MG sobre o serviço de atendimento móvel de urgência e os bombeiros,





no tocante a prestação de serviço, abrangência e acionamento. Trajetória metodológica: abordagem, quantitativa, exploratório-descritivo e transversal, com instrumento composto na primeira parte por Dados de identificação do usuário no tocante as variáveis educacionais, gênero e idade e na segunda parte, com cinco questões de múltipla escolha e três abertas, os participantes foram 38 usuários cadastrados na ESF Santo Antônio que atenderam os critérios de inclusão adotados para este estudo: estavam cadastrados na ESF Santo Antônio; aceitaram participar da pesquisa assinando o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido; e que acionaram o SAMU ou o Bombeiro em algum momento de sua vida, descrevendo o fato para o preenchimento no instrumento. Como critério de exclusão: não aceitaram participar da pesquisa; moradores de outro Bairro não cadastrado na ESF do estudo; usuários que por condução própria foram a outros serviços de saúde como Santa Casa e hospital não dependendo de SAMU ou Bombeiros. Seguiu-se os preceitos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do CNS, sendo aprovada com o parecer consubstanciado de nº 4.157.064. Resultado: Foram aplicados 38 questionários. A idade prevalente foi de 50 a 59 anos correspondendo a 32% da amostra, o gênero feminino correspondendo a 68%, escolaridade com ensino médio completo correspondendo a 39% dos usuários. No que se refere ao acionamento, 58% dos usuários possuem conhecimento do SAMU e no tocante ao número, para contactar os Bombeiros 74% possuem o entendimento correto. Segundo a uma pesquisa realizada em São Luís de Montes Belos- GO com intuito de avaliar o conhecimento da população sobre o número 193 destacou-se que 64% dos sujeitos-participantes também possuem a informação sobre o conhecimento do número dos Bombeiros (ALVES, 2015). Já em outra pesquisa realizada em Fernandópolis-SP, Estrela do Oeste-SP e Pirajuba-MG, com intuito de avaliar o conhecimento acerca do SAMU e de seu funcionamento a avaliação da porcentagem de acertos obtidos no quesito “contato do SAMU-192” relativamente ao sexo mostrou que as mulheres abordadas apresentavam maior conhecimento que os homens (CRUZ *et al.*, 2017). Em relação ao conhecimento quanto a prestação de serviço do SAMU 82% não tem conhecimento e quanto aos Bombeiros 50% dos usuários possuem o conhecimento e 50% não. O discernimento dos usuários sobre o que é ou não urgente é relativa. Devido a isso, a decisão sobre o acionamento do serviço baseia-se em experiências pessoais e em vivências de outros usuários. Uma pesquisa realizada com o SAMU de Belo Horizonte- MG, mostrou que além das dificuldades que o exercício de poder ocasiona na prática profissional, os mesmos alegam ser preciso educar a população para saber como usar o serviço de forma certa. Existe, então, o discurso de que uma população instruída poderia ajudá-los a sistematizar sua demanda (ARAÚJO; VELOSO; ALVES, 2017). A respeito do conhecimento sobre custeio e área de abrangência 55% dos usuários não detém esse conhecimento, enquanto que 45% possui. Corroborando com o estudo já citado feito em Fernandópolis-SP, Estrela do Oeste-SP e Pirajuba-MG observaram que muitos não detinham dados corretos sobre a presença ou atuação do SAMU em sua cidade, o que poderia levar, por exemplo, ao não acionamento do serviço onde este é atuante e, conseqüentemente, a não prestação do socorro mais capacitado disponível (CRUZ *et al.*, 2017). Conclui-se que 58% dos usuários apresentam conhecimento sobre o acionamento de SAMU e Bombeiros, mas em contrapartida o





conhecimento quanto a prestação de serviço é equivocada representado por 82% dos usuários, visto que a maior parte dos participantes não sabem que esses serviços móveis de atendimento possuem custeio público e área de abrangência, correspondendo a 55% da amostra. Portanto, a educação em saúde da população é de extrema importância visto que as percepções de cada usuário é subjetiva, inferindo o que é urgente, fato que traz consequências negativas ao mobilizar serviços de urgências e emergências como SAMU e Bombeiros. Sugere-se que a educação em saúde seja implementada por políticas públicas e pelos enfermeiros que trabalham na atenção primária nestas estratégias de saúde da família, visto que a educação em saúde faz parte do exercício profissional do enfermeiro. Esta pode ser feita diariamente através de folders, durante as consultas de enfermagem, nas salas de espera dos usuários cadastrados; outra possibilidade importante a se considerar são as postagens via rede social, já que é um dos grandes meios de divulgações de informações na atualidade. Como limitação deste estudo a amostra sofreu interferência em sua representatividade devido a pandemia, pois a coleta de dados foi suspensa nestas unidades por tempo prolongado.

Palavras-chave: bombeiros; serviços médicos de emergência; educação em saúde.

REFERÊNCIAS

- ABREU, K. P. **Situações de urgência:** visão dos usuários do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Porto Alegre. 2009. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72623/000706034.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- ALVES, S. E. **O conhecimento público do número 193:** o caso de São Luís de Montes Belos – GO. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização *Latu Sensu* em Gerenciamento de Segurança Pública) - Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://www.bombeiros.go.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/O-CONHECIMENTO-P%C3%9ABLICO-DO-N%C3%9AMERO-193-O-CASO-DE-S%C3%83O-LUIZ-DOS-MONTES-BELOS.-Selma-Eur%C3%ADpedes-Alves.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- ARAÚJO, M. T.; VELLOSO, I. S. C.; ALVES, M. Práticas cotidianas dos profissionais no serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 21, p. 1-8, 2017. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1042.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.
- CRUZ, M. C. da *et al.* Conhecimentos sobre o serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU) da população de três municípios com realidades distintas. **Archives of Health Investigation**, [s. l.], v. 6, n. 6, p. 269-274, 2017. Disponível em: <https://archhealthinvestigation.com.br/ArchHI/article/view/2070/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.





FREITAS, K. de O. *et al.* Atendimento à saúde por Bombeiros: dificuldades encontradas que implicam na assistência a população. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 317-323, 2019. Edição especial. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6532/pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

LUCHTEMBERG, M. N.; PIRES, D. E. P. de. Trabalhar no Samu: facilidades e dificuldades para realização do trabalho dos enfermeiros em um estado da região sul do Brasil. **Revista Saúde Pública**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 31-45, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://docplayer.com.br/212532826-Trabalhar-no-samu-facilidades-e-dificuldades-para-realizacao-do-trabalho-dos-enfermeiros-em-um-estado-da-regiao-sul-do-brasil.html>. Acesso em: 17 mar. 2021.

LUONGO, J. (org.). **Tratado de primeiros socorros**. São Paulo: Rideel, 2014.

SANTOS, N. C. M. **Urgência e emergência para a enfermagem**. São Paulo: Érica, 2018.

SILVA, N. C.; NOGUEIRA, L. T. Avaliação de indicadores operacionais de um serviço de atendimento móvel de urgência. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 17, n. 3, p. 471-477, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648964009>. Acesso em: 12 out. 2021.

SILVA, S. F. da *et al.* Dificuldades vivenciadas em um serviço de atendimento móvel de urgência: percepções da equipe de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 1161-1172, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/541/751>. 10 nov. 2021.

